

O Irrepresentável e o Impessoal como condição da constituição do vínculo em psicanálise: Suas implicações na clínica

The Irepresentable and the Impersonal one as condition of the constitution of the bond in psychoanalysis: Its implications in the clinic

Carmen Ines Debenetti¹

Resumo: Este trabalho problematiza a questão do irrepresentável e do impessoal que constitui o vínculo e traz algumas contribuições para a intervenção clínica. Implica a questão da origem em Psicanálise. O existente para o psiquismo, no âmbito da representação, tem uma origem única nos primeiros anos de vida ou é possível pensar distintos momentos para a sua inscrição? Articula-se o conceito de "processo originário" de Piera Aulagnier com conceitos de acontecimento e de impessoal da Filosofia da Diferença para dar conta da intervenção do não representável e do novo na constituição da subjetividade. No pré-representativo figura o originário-gênese que privilegia o impessoal que tem a característica de não ser pessoal nem individual. Este irrepresentável é uma série de marcas e fatos mentais vinculados ao devir, opera como tendência a completar atos e está a espera de um corpo ou objeto que lhe dê significação. Neste sentido, o momento originário se desloca para o entre os corpos como causa que vai fazer congelar, repetir, aparecer. O que se passa entre os corpos é uma novidade radical que reinventa o originário. Neste sentido, a transferência não deve apontar essencialmente para o reencontro com o passado, mas deixar lugar para que se produza o inédito. A interpretação introduz outro trabalho a realizar que começa no entre, onde não há coincidências, no inominável do entre que gera inconsciente e constrói outras origens.

Summary: This work problematizes the question of the irrepresentable and the impersonal one that it constitutes the bond and it brings some contributions for the clinical intervention. It implies the question of the origin in Psychoanalysis. The existing one for the psiquismo, in the scope of the representation, has an only origin in the first years of life or is possible to think distinct moments for its registration? The concept of "originary

¹ Psicóloga Clínica e Mestre em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS.

process" of Piera Aulagnier with concepts of impersonal event and of the Philosophy of the Difference giving account of the intervention of the not representable one and the new in the constitution of the subjectivity is articulated. In the daily pay-representative one it appears the originary one that it privileges the impersonal one that has the personal characteristic of not being nor individual. This irrepresentable is a series of marks and mental facts tied when *devenir*, operate as trend to complete acts and are the wait of a body or object that gives *significação* to it. In this direction, the originary moment if dislocates for the one between the bodies as cause that goes to make to congeal, to repeat, to appear. What it is transferred between the bodies is a radical newness that reinvents the originary one. In this direction, the transference does not have to point essentially with respect to *reencontro* with the past, but to leave place so that it produces the unknown one. The interpretation introduces another work to carry through that it starts in the one enters, where does not have coincidences, in the *inominável* of the one between that it generates unconscious and it constructs other origins.

Descritores: Clínica Psicanalítica, Piera Aulagnier, Irrepresentável do Corpo, Acontecimento na Clínica e Filosofia da Diferença

Keywords: Psychoanalytic clinic, Piera Aulagnier, Irrepresentable of the Body, Event in the Clinic and Philosophy of the Difference

A Psicanálise edificou-se sobre a representação inconsciente das marcas dos primeiros anos de vida representadas no psiquismo, as quais estão associadas a uma continuidade psíquica. O encontro com o outro onde se expressa a transferência é conhecido desde esta origem. Esta questão, portanto, remete a origem, ou seja, se o existente no psiquismo no âmbito da representação, tem uma origem única nos primeiros anos de vida, ou é possível se pensar distintos momentos para a sua inscrição.

Para abrir esta questão pode-se admitir que existem marcas e traços alojados no aparelho psíquico que só podem adquirir uma *significação* e ser transformadas em pensamento quando permite o contexto. São marcas e restos de acontecimentos que se caracterizam como existentes psíquicos

não inscritos e irrepresentáveis, operam como forças que pulsam e se manifestam como tendência a completar atos, e, constituem-se como potencialidade capaz de produzir um novo que exige um trabalho psíquico para inscrever-se e passar a representação.

O irrepresentável é, portanto, uma série de fatos mentais vinculados ao devir, cuja característica é a descontinuidade a respeito da origem infantil; não tem inscrição inconsciente ou está a espera de uma inscrição. Significa que há um indizível e invisível do corpo. Os fatos não são óbvios, o estranhamento das certezas vem relativizar a representação como a única forma de conhecimento da mente humana. Há uma lógica que constrói o corpo e, é a da processualidade; nela o conhecimento do corpo não é dado, ele se engendra, configurando-se num plano de imanência e, não muda por um ideal abstrato ou por um modelo ao qual deveria se conformar.

A partir deste ponto de vista, articulo o conceito de "processo originário" de Piera Aulagnier (1979) com conceitos de acontecimento e de impessoal da Filosofia da Diferença para dar conta da intervenção do não representável e do novo na constituição da subjetividade.

O originário concerne a efeitos que se referem a impressões precoces da pré-história da constituição psíquica, mas que não são acessíveis a recordação dado que aconteceram em um período prévio a aquisição da linguagem. Pode-se inferir uma complexa articulação do vivenciado precocemente, um sem significado que se constitui como potencialidade, que tem o caráter de forças que pulsam e se manifestam como tendência a completar atos. Em outras palavras, nestas marcas que constituem o núcleo inassimilável próprio do que não pode ser simbolizado, aninha-se um efeito potencial da ordem inconsciente do não realizado. Trata-se de uma reserva disposta a entrar em jogo conforme certas combinatórias possíveis inerentes ao vínculo com o outro. É, então, no marco de uma determinada relação que este núcleo inassimilável cobrará uma forma absolutamente singular. É possível conceber o entre como uma convocatória que se produz desde essas marcas pré-subjetivas, desde este vazio de significação que atrai e cria combinações inéditas.

Deste modo, é possível tomar o originário-gênese com caráter de informe, um fundo que não acede a simbolização e faz combinações ao azar e desenha a trama sobre um fundo pré-representativo e pré-subjetivo. É um fundo forcluído do poder de conhecimento do sujeito e, que se diz de estados do corpo, sensações e percepções inconscientes que se abrem a múltiplas possibilidades. É um reservatório de potencialidades, antes que um fundo representativo. Pré-representativo onde figura o originário como indizível e invisível. Um pré-formado como campo

de forças que ligado aos primórdios faz efeitos no presente e, assim, passa a ter existência para a psique. Assim, se diz que o passado se constrói no presente.

Isto dá conta de uma abertura ao meio, como um campo do invisível, do não-saber, o entre, onde se constitui o que até então é novo e o que dá condição da constituição do vínculo. Ato para além da representação. Reconhecesse uma outra lógica, uma outra forma de pensar onde o originário está sempre reescrevendo o corpo a partir das combinações que faz. Neste sentido, a tônica se desloca do momento originário para o entre os corpos como causa que vai fazer congelar, repetir, aparecer. O que se passa entre os corpos é uma novidade radical que reinventa o originário. O "efeito de encontro" (Aulagnier, P.), resultado de marcas que determinam a constituição do sujeito e o acontecido é decisório. Trata-se de potencialidade como um modo de "encarnar-se" um drama em cada sujeito; é aquilo que espera entrar em jogo a partir de certas combinatórias possíveis.

Este núcleo primitivo que corresponde a singularidade do sujeito, é possível de ser pensando desde seu potencial de criação, caracterizando-se como acontecimento, como emergência de um fato novo que não tem lugar nem representação prévia, porque recém apresentado ao psiquismo. É algo que é apreendido depois de produzido e abre caminho para o que não existia. Não havia um lugar esperando o novo e quando se lhe faz um lugar muda a significação do que existia até então, mudando a subjetividade.

O acesso ao novo caracteriza o plano do irrepresentável. O que chamo de impessoal e, é composto de singularidades que não são aprisionadas à individualidade fixa do ser, nem aos limites do conhecimento. Alguma coisa que não é nem individual, nem pessoal, e que por isso, comporta um potencial que produz e atualiza a unidade que era até então.

Desde esta perspectiva, intervém na constituição da subjetividade o não representável, aquilo que não tem inscrição ainda, o "novo", isto é, o que está acontecendo, o que se faz e que se refere ao não-saber de uma linguagem constitutiva do corpo. A gênese do sujeito se dá neste ponto invisível que é a indeterminação e, obriga a um fazer incessante, onde há um devir que se move entre as coisas pelas combinações entre os corpos.

Este originário, informe do corpo, é o que faz a ligação entre a linguagem, o representável e o irrepresentável, que articulados produzem o sentido sempre originário. O irrepresentável é a condição de um campo mental distinto, que supõe outra origem, e abre o caminho para pensar o não-conhecido da constituição da subjetividade.

Uma clínica nesta zona de indeterminação, no entre, privilegia o impessoal, irrepresentável e inominável. Não os indivíduos, mas aquilo que se passa entre eles, aquilo que sempre faz devir os seus corpos. O que significa que o impessoal irrepresentável é o motor da constituição do vínculo e do sujeito. É assim que, tudo muda de sentido numa operação no entre; o sujeito deixa de ser o que era até então quando se vincula com outro. A autonomia de um eu que pensa, que comanda e fala é ilusória numa relação no entre. Há a impossibilidade de dizer o significado da origem quando é o entre que determina. O eu é igual ao "outro com outro" (Berenstein, 2006) ou com outros.

Desde este ponto de vista, a gênese do sujeito se dá numa fissura que é indeterminação, há antes um devir que se move entre as coisas, pelas combinações no vazio entre os corpos e os movimentos. Esta concepção da constituição do sujeito requer outra noção para pensar um tempo que comporta estratos que se cruzam e se encontram e, configuram-se no domínio do pré-representativo. É um tempo consentâneo à força do novo que é um tempo em sua máxima potência. Um tempo que sabe impossível chegar à origem, à fonte, à verdade. Um tempo construindo-se como texto, construção do vivido. Equivale à concepção de tempo que refere Pelbart, P. (2000), como duração do fundo que faz uma abertura ao infinito ao pré-individual do entre que possibilitará o inédito. O tempo como co-existência de tempos encadeados numa lógica impessoal que se coloca como potencialidade que não pára de fazer devires e cria a origem a cada vez.

A linguagem que diz o corpo impregnado de tempo remete à origem escondida simultaneamente no irrepresentável do corpo e nessa zona de indistinção que é o entre, onde o mais primitivo revela forças capazes de produzir atos na superfície. Então, não há um oculto a ser revelado, há incisões a serem feitas nos estratos históricos para que o invisível "já presente" busque passagem e ao fazê-lo produza rachaduras. Nesta perspectiva, o que há a ser feito na clínica, é investir no irrepresentável que desestrutura o ser, ao invés de confirmar a identidade. Tarefa que inicia onde não há nada a não ser possibilidades de criação do que ainda não existe.

Desta forma, não se pode dizer que a compreensão do sujeito passa exclusivamente por uma concepção do inconsciente que incide sobre pessoas e objetos, mas sim que há rearranjos incessantes mobilizados por deslocamentos e intensidades. Não há uma verdade nas profundezas, mas deslizamento na superfície; criação de caminhos sem memória, onde se atinge as velocidades e as forças, onde os tempos se comunicam e se cruzam. O que significa dizer que o inconsciente sai da problemática do encadeamento passado-presente e arrasta-se

em direção à lógica virtual-atual, que abandona a concepção reativa da vida. É como dizer que o passado é um virtual que insiste, que dura, aparece, desaparece, faz o sintoma aparecer como uma ferida.

É evidente que a dimensão do irrepresentável instala na análise um trabalho que não é propriamente a revisão do passado. Algo está a espera de uma inscrição e requer uma modificação no pensar porque a forma anterior de pensar não abarca o novo. O trabalho com o irrepresentável, neste sentido, é fazê-lo inscrever-se e, assim, passar a representação. Para esta tarefa não se encontrará referências no passado. Trata-se do que o sujeito vai fazer com o novo que se apresenta. Estamos então, na clínica, diante de um trabalho que parte do que ainda não existe num processo que propicia construir, reconstruir, significar desde as mais obscuras marcas que se sedimentaram como verdadeiras possibilidades de criação para o funcionamento psíquico. Trata-se de uma tarefa de inscrição própria da clínica em seu caráter de novidade que interroga combinatórias capazes de iluminar simbolizações e ligaduras, de abrir perguntas e possibilidades, ali onde opera a mudez e faz conceber uma outra produção de subjetividade.

Essa forma de entender o corpo como algo em processo de devir marcado por uma lógica da criação, instala na clínica uma inversão da linha de pensamento que leva o sujeito representativo, subjetivo e identitário, para o campo pré-subjetivo e pré-objetivo. Subjaz ao saber, um saber que só pode ser compreendido a partir desse campo prévio. Constitui-se num diálogo com o virtual, tomando o invisível do fato, onde a coisa se toca com o pensamento, onde a coisa se faz, dando lugar a uma visão que ilumina o instante e produz a diferença; o novo que desafia qualquer opinião, qualquer estrutura.

Deste modo, entreve-se no originário um domínio equivalente à "região do pré" (Oury, J., apud Pelbart, P. 2000), que diz respeito às sensações primitivas, aos estados vividos mais originários, pré-representativo, pré-intencional, pré-perceptivo. Antes mesmo de um ser no mundo há um sentir, sem referência ainda a algum objeto percebido. É nesse nível que o engendramento de uma forma é possível.

Quando algo se produz, está se construindo a partir desse tempo do pré, tempo como matéria fluída do narcisismo originário. Ali o informe do corpo e a tendência a agir evocam o "esquecimento e a espera" (Pelbart, P., 2000), onde há a possibilidade de uma apreensão que constitui sujeito e objeto. Daí o estabelecimento de uma relação no entre que não é dissolvida por uma interioridade, relação com o entre que faz nascer um novo corpo.

O campo do inominável implica suportar o não-saber e buscar o caminho inverso, aquele que inicia a investigação pela superfície. A superfície é o lugar da inscrição, onde montam-se as relações que os corpos criam entre si e que possibilitam múltiplas direções, porque está aberta a conexões. Assim se diz, que o que se pode saber de um corpo é aquilo que se expressa no encontro. Estar na superfície é estar presente, tomar pé num ilimitado, numa abertura ao inesperado que faz possível aquilo que a princípio é impensável. No fundo há o irrepresentável do pré-individual, este estrangeiro desconhecido que é o primeiro e faz possível o encontro. A natureza do impessoal e do irrepresentável é, assim, feita de impulso vital e intensidade, traços que vão se relacionar com outros, produzindo devires constantes. O vivido surge como se saltasse da obscuridade criadora fazendo operar transformações.

Para pensar este movimento de subida do pré enterrado no fundo à superfície do corpo, que faz desaparecer a dimensão interior do corpo, toma-se o conceito de corpo sem órgãos de Gilles Deleuze. O corpo sem órgãos entra em contato com singularidades não-individuais onde cada gesto, cada palavra, cada som liga-se nas conexões e faz sempre novas combinações. É o corpo informe, esse desconhecido do corpo, feito de intensidades e tensões. Nele se dá a experimentação que ousa novas construções, onde se engendra a criação. Define-se como um movimento para a experimentação e não o resultado de um saber que não deixa a ninguém o poder de colocar questões e criar.

Birman, J. (2000), refere que o corpo sem órgãos é um modo de enunciar uma outra interpretação possível do conceito de recalque originário. Faço a equivalência entre o recalque originário e o "processo originário", não como corpo que contenha a potencialidade para a patologia, mas como uma potencialidade virtual, cuja fragmentação e vazio de significados potencializam devires. Assim, é possível correlacionar este "corpo originário" com o conceito de corpo sem órgãos, para fundamentar a tese de uma clínica fundada no impessoal e irrepresentável, numa concepção de subjetividade centrada na idéia de singularidade. Tomo o corpo sem órgãos como um intercessor, como um vir-entre, que procura se conectar aos movimentos invisíveis, às composições de fluxos que ainda não se atualizaram, para criar outras histórias, outras conquistas, outras vidas. Assim, o corpo se torna forma com a "encarnação" dos conjuntos de fluxos mudos e informes da superfície, através do corpo sem órgãos.

O que vimos até agora significa que o corpo sem órgãos da profundidade trazido à tona é capaz de potencializar-se na superfície ao fazer funcionar a lógica dos afectos que provoca diferença, criando-se assim, um vazio por onde as

potencialidades virtuais podem exercer-se fora dos modelos que enclausuram o corpo. O caos que emerge a partir desse vazio encontra o impessoal que ganha forma quando se acopla numa conexão, desdobrando o que permaneceria nas dobras secretas de uma experiência interior. Assim, precisa-se da função do impessoal, para livrar-se desses conhecimentos prévios, que querem dizer o que já seria, para favorecer e abrir caminho para esta presença na superfície.

Frente este modo de conhecer a potência de um corpo recoloca-se a necessidade de uma outra concepção para a intervenção analítica, não como um modelo, mas como um ponto de vista, uma nova maneira de pensar. Desde esta perspectiva, trata-se de uma ampliação da escuta clínica que vai além da representação. Se há um não-saber do corpo, resta para a escuta clínica tomar o corpo, potencializar o acesso ao impessoal que ultrapassa a linguagem representacional, que atribui ao sujeito o poder de chegar à verdade sobre o corpo.

O ato clínico pressupõe, deste modo, ir além do plano do significado e do conteúdo e, evidenciar o vazio do entre as coisas para ser imantado novamente. Dar condições ao corpo para essas sensações-coisas que nos tocam nesta capacidade de viver o atual e virtualizar o presente. Sair do mundo cheio de marcas do fundo, e da interioridade para fazer as próprias marcas e realizar por si mesmo as próprias interpretações.

Estamos, então, sempre no meio de algo e o que os encontros produzem não é nenhum nem outro, está no entre. O meio é feito de potências e acontecimentos que interferem em situações dadas. Logo a cada configuração de forças, o mundo organizar-se-á de uma determinada perspectiva. As interpretações expressam estas relações de forças que se relacionam de modo singular e deve levar em conta não de onde vem, mas como está operando a produção dos agenciamentos e conexões.

Assim, diz-se que o vínculo entre os sujeitos se constitui no entre com a intervenção do impessoal e do irrepresentável, onde também se constitui o sujeito, numa articulação entre este invisível do corpo, o representável e a linguagem.

Esta forma ampliada de se pensar a constituição do sujeito, também implica um novo olhar sobre alguns conceitos clínicos. Nesta perspectiva, a interpretação clínica e a transferência implicam outras dimensões. Ambas não são, essencialmente alguma coisa que fala por ou aponta o que falta, mas essencialmente, aponta um excesso, algo que está continuamente se fazendo, refazendo, construindo territórios e desfazendo outros, enfim, algo que funciona como um processo. Estamos condenados a viver num mundo infinito que encerra questões sempre infinitas e novas.

Neste sentido, a transferência também produz agenciamentos, busca conexões e formas de se expressar. Coloca-se como lugar de emergência do que antes não existia nem poderia existir, porque produz um fato novo da relação com o outro. Incluir todos os fenômenos que se passam na sessão analítica, sob o domínio da transferência, leva a totalizá-la como conceito. Aquilo que vem do outro traz um conjunto de impressões novas que não são apreensíveis totalmente pela representação, porque insiste como novo. Equivale ao que Berenstein chama interferência isso que se produz entre analista/analizando, pela ação do encontro-desencontro, da presença real do outro e depende da singularidade dos sujeitos.

Interferência é o que se produz na sessão como uma qualidade que não é possível de ser pensada desde um reencontro como o passado, por não se tratar de um perdido, mas de um excesso. Não se trata, então de ampliar as fronteiras do campo da transferência para dar lugar a tudo que ocorre nas sessões, mas começar a deixar um lugar para que se produzam outras situações. É o que não se espera, mas ocorre nessa zona do indecível, no meio. Inaugura uma outra zona de relação e deve estabelecer uma concepção conceitual diferente da instituída, porque o que se produz tem um efeito de excesso, decompõe a transferência e introduz outro trabalho a realizar, que começaria ali no entre, onde não há coincidências, no inominável do entre, que gera inconsciente e, assim, constrói outras origens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULAGNIER, Piera. (1979). A Violência da Interpretação. Do Pictograma ao Enunciado. Rio de Janeiro: Imago Editora.

BERENSTEIN, Isidoro. (2004). Devenir Otro con Otro(s). Ajenidad, Presencia, Interferência. Buenos Aires: Paidós.

BERENSTEIN, Isidoro. (2006). Jornada Anual do Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinaridade. Comunicação pessoal. Agosto de 2006.

BIRMAN, Joel. (2000). Os Signos e seus Excessos. A Clínica em Deleuze. In. ALLIEZ, Eric. (org.), Gilles Deleuze: Uma Vida Filosófica. (pp.463-478). São Paulo: Editora 34.

PELBART, Peter Pál. (2000). A Vertigem por um Fio: Políticas de Subjetividade Contemporânea. São Paulo: Iluminuras.